

F. CHAGAS BAPTISTA



HISTORIA COMPLETA DE
ANTONIO SILVINO
SUA VIDA DE CRIMES E SEU JULGAMENTO

Livraria H. Antunes, Ltda. - Av. Marechal Floriano, 39 - Rio



HISTÓRIA COMPLETA

DE

ANTONIO SILVINO

F. CHAGAS BAPTISTA

HISTÓRIA COMPLETA
DE
ANTONIO SILVINO

SUA VIDA DE CRIMES E SEU
JULGAMENTO

Edição revista e ampliada pelo consagrado
poeta popular Sebastião Nunes Batista,
filho do autor.

FRANCISCO DAS CHAGAS BAPTISTA

(1882 - 1930)



LIVRARIA H. ANTUNES LTDA.
Av. Marechal Floriano, 39 - Rio de Janeiro

20-9-1960

Francisco das Chagas Baptista, autor deste livro, nasceu no dia 5 de maio de 1882, na Fazenda Riacho Verde, município do Teixeira, Estado da Paraíba do Norte, e faleceu no dia 26 de janeiro de 1930, na Capital João Pessoa. Publicou mais de 100 folhetos e três livros, no período de 1902 a 1929. São de sua autoria os folhetos: "Saudades do Sertão", "Traição e Vingança" (História de Esmeraldina); "Casamento e Mortalha" (História de Carlos e Celina), "O Triunfo do Amor" ("História de Celina — Quo Vadis?"), "História de Guiomar", "História de Maria Rita", "A Lira do Sertanejo", "O Estudante Caipora", "A Imperatriz Porcina", "A vacina obrigatória", "A Escrava Isaura" (Escrava Heróica)", "Amor e Firmeza", "O Brasil na Guerra" — (1.^a) — "O Menino Jibóia", "Descrição do Amazonas" (êste de parceria com Antônio Baptista Guedes, seu irmão), e muitos outros livretos, que marcaram época, num retrato fiel, em versos, dos principais acontecimentos.

Para falar sobre Chagas Baptista, meu progenitor, dou a palavra a Luiz da Câmara Cascudo, o "papa" do Folclore Nordestino, que em seu famoso livro "Vaqueiros e Cantadores", editado em 1930 assim se expressou:

"... Também já é tempo de informar que a poesia de improvisação tem suas fontes literárias. Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Baptista, falando apenas da dupla mais ilustre, publicaram milhares de sextilhas, descrevendo batalhas entre cantadores tradicionais ou imaginários. — Essa produção articulou-se na corrente geral e dela

faz parte, indissoluvelmente. Confundiu-se. Os cantadores dizem versos de Leandro ou Chagas de mistura com versos antigos...

E mais adiante:

... "Francisco das Chagas Baptista não foi cantador mas um dos mais conhecidos poetas populares. Sua produção abundantíssima forneceu vasto material para a cantoria. A gesta de Antônio Silvino possuiu em Chagas Baptista um dos melhores e decisivos elementos..."

Além dos folhetos, Chagas Baptista escreveu os livros "A Lira do Poeta", "Poesias Escolhidas" e "Cantadores e Poetas Populares" (cuja segunda edição está sendo cogitada).

Tanto este livro, "História Completa de Antônio Silvino", como muitos folhetos de sua autoria, vêm sendo editados, criminosamente, por pessoas desonestas, sem autorização da Livraria H. Antunes Limitada, ou de minha família, num desrespeito à memória de meu pai. Para êsses aproveitadores do esforço alheio, lanço aqui o meu repúdio:

"Arrenego o poeta que copia

E diz que é seu o trabalho de outro autor"

Poetastro de nula inspiração
Que vive a copiar Chagas Baptista,
Como mero vampiro oportunista
Que sem pejo ao alheio lança mão.
Parasita, falsário, sem ação,
Sem um mínimo resquício de pudor
À memória de um vate de valor
Que marcou um lugar na poesia...

"Arrenego o poeta que copia

E diz que é seu o trabalho de outro autor!"

Rio, 19 de julho de 1960.

SEBASTIAO NUNES BATISTA

OS CRIMES DE ANTONIO SILVINO

Antônio Silvino nasceu em 2 de novembro de 1875. Fêz as primeiras mortes em julho de 1896. Ferido por um dos seus companheiros, em um combate com a polícia de Pernambuco, entregou-se à prisão em 28 de novembro de 1914.

Leitor, em versos rimados
Vou minha história contar,
Os crimes que pratiquei
Venho agora confessar,
Jurando que da verdade
Jamais me hei de afastar.

Pedro Batista de Almeida
E Balbina de Moraes,
Casados catòlicamente,
Foram meus legítimos pais,
Nascidos em Pernambuco
E do Pageú naturais.

Nas margens do Pageú
No distrito de Ingazeira,
Junto à Serra da Colônia
Vi o sol a vez primeira;
Ao nascer trouxe nas veias
Sangue de raça guerreira.

Nasci em setenta e cinco
Num ano de inverno forte,
No dia dois de Novembro,
Aniversário da Morte;
Por isso o cruel destino
Deu-me de bandido a sorte.

Meu avô foi muito rico
E meu pai foi abastado
Mas não me mandou educar
Porque onde eu fui criado
O povo não aprecia
O homem civilizado.

Ali se aprecia muito
Um cantador, um vaqueiro,
Um amansador de poldro
Que seja bem catingueiro
Um homem que mata onça
Ou então um cangaceiro.

Meu pai fez diversas mortes,
Porém, não era bandido;
Matava em defesa própria
Quando se via agredido,
Pois nunca guardou desfeita,
E morreu por atrevido.

Enquanto eu era pequeno
Aprendi a trabalhar.
Chegando aos 14 anos
Dediquei-me a vaquejar.
Abracei aos vinte e um
A profissão de matar.

No ano noventa e seis
Meu pai foi assassinado
Pela família dos Ramos;
Já sendo nosso intrigado
Um deles, o José Ramos,
Que era sub-delegado.

Para punir êsse crime
Ninguém se apresentou;
A justiça do lugar
Também não se interessou;
Aos bandidos a polícia
Parece que auxiliou...

E eu que vi a justiça
Mostrar-se de fora à parte,
Murmurei com meus botões:
— Também hei de arrumar-te!
Não quero código melhor
Do que seja o bacamarte.

Eu chamei pela justiça,
Esta não me quis escutar,
Vali-me do bacamarte,
Que me veio auxiliar
Nêle achei tôdas as penas
Que um código pode encerrar!

No bacamarte eu achei
Leis que decidem questão
Que fazem melhor processo
Do que qualquer escrivão.
As balas eram os soldados
Com que eu fazia prisão.

Minha justiça era reta
Para qualquer criatura,
Sempre prendi os meus réus
Em casa muito segura;
Poi nunca se viu ninguém
Fugir duma sepultura!

No dia 5 de Junho
Do ano noventa e três,
Fiz eu as primeiras mortes
Matando dois de uma vez!
Manuel Ramos Cabeceira
E um tal João Rosa de Arez.

Depois que fiz essas mortes,
 Fiquei desacomodado:
 Começou a perseguir-me
 Da Ingazeira o delegado,
 Um tal de Francisco Braz;
 Matei-o, fiquei vingado.

Então a família Ramos
 Fugiu para Imaculada,
 Onde por Delmiro Dantas
 Foi protegida e guardada.
 Nunca mais peguei um deles
 Nem mesmo numa emboscada.

Desde esse tempo que vivo
 Sofrendo perseguição,
 Mas com minha atividade
 Sempre evitei a prisão!
 Vendo-me, assim, obrigado
 A fazer-me valentão!

No ano noventa e sete
 Um parente meu amigo,
 O velho Silvino Aires,
 Dissera-me: — Vem comigo
 Ao Teixeira, que eu preciso
 Vingiar-me de um inimigo.

De noventa e sete em Junho
 Nós cercamos o Teixeira;
 O delegado Dantinha
 Deu uma boa carreira.
 Foi isso que o livrou
 De uma surra de ligeira...

Porque meu tio Silvino
 Desejava castigar
 Esse delegado afoito
 Que um dia mandou cercar
 Sua fazenda, e os móveis
 De casa mandou quebrar.

Quando nos desenganamos,
De não pegar o Dantinha,
Voltamos p'ra o Pageú,
P'ra lugar que nos convinha;
Dali fomos p'ra Campina
Onde uns parentes eu tinha.

Fomos à vila do Ingá
Com o Prisco nosso amigo,
Este encontrou na estrada
"Marcela", um seu inimigo,
Que foi logo assassinado
Por não fugir do perigo.

Pouco depois dêsse crime
Meu tio e chefe voltou
Para Pageú de Flores
Onde a polícia o pegou.
Nosso grupo reuniu-se
E seu chefe me aclamou.

Ao ver-me chefe do grupo
Meu nome próprio mudci;
Então por Manuel Batista
Nunca mais eu me assinei,
E foi de Antônio Silvino
O nome que eu adotei.

A justiça do Ingá
Processou-me, mas voltei
A essa vila, e o Paço
Municipal assaltei.
E os processos que havia
Ali, os incendiei.

Em Abril de noventa e nove
Em Canhotinho abracei
A profissão de marchante.
Depois, lá, verifiquei
Praça na guarda local
E três meses políciei.

Estava na guarda local
Quando um doutor me chamou
E me disse: — Amigo Antônio,
Minha espôsa me deixou
E se você fôr buscá-la
Seis contos de réis lhe dou.

Está em Santa Filonila
A mulher a quem procuro,
Na Usina de Santos Dias,
Traga-ma cá que asseguro
Terá seis contos de réis;
Isto eu lhe garanto e juro.

Fui com meu primo Argemiro
E um grupo que lá juntamos,
Cercar a usina citada;
Porém quando lá chegamos,
Nem o major nem a filha
Em sua casa encontramos.

Uma mocinha da casa
Talvez por ser imprudente,
Passou em frente a meu rifle
Que a feriu inconsciente...
Lamentei a morte dela
Por ter morrido inocente.

O capitão Zé Augusto
Em Fagundes me cercou,
Com uma tropa que em mim
Duas horas atirou;
Prendeu um dos meus capangas
E dois de bala matou.

Nesse combate matei
De Zé Augusto um soldado.
Deixei um sem uma orelha,
Um com um olho furado,
Um de cabeça rachada,
E outro com um pé trilhado.

Com duas horas de luta
Resolvi-me retirar;
E disse ao José Augusto:
— Agora vou me ausentar,
Prometo-lhe em pouco tempo
Com o senhor me avistar.

Dias depois, em Matinhas,
Com o mesmo me encontrei;
Tinha êle 15 praças
Com as quais, então, lutei!
Êle prendeu-me um cabra
E um soldado eu baleei.

Bem perto de Gravatá
De Bezerras, fui cercado
Por um senhor João Gonçalves
Que era sub-delegado;
Dêsse cêrco me evadi
Mas com um braço baleado.

Nessa luta sanguinária
Dois capangas eu perdi
Os outros me abandonaram...
Quando sôzinho eu me vi.
P'ra não cair na esparrela
Sem perder tempo, fugi...

Em Abril de novecentos
Eu em Cabaças estava;
E o capitão Zé Augusto
Que em minha pista andava,
Cercou-me com trinta praças
Quando eu menos esperava.

Dentro de um engenho velho
Fiz uma trincheira forte,
De onde atirei cinco horas...
Não houve nem uma morte!!
Dali fugi com os meus
E procurei outro norte.

Em Junho do mesmo ano
Eu estava no Surrão
Com cinquenta companheiros;
Tinha muita munição
E gente para brigar
Até com um batalhão.

Estávamos todos juntos
No casa do José Gato,
Apenas o Rio Preto
Ficou doente no mato
José matou uma rês
Para nos dar melhor trato.

Eram oito horas do dia,
Estávamos bem acalmados,
Quando, inesperadamente
Por cento e vinte soldados
Eu e os meus companheiros
Nos vimos todos cercados!

Eram dois os comandantes
Dêsse refôrço inteiro:
Alferes Paulino Pinto
(Da Paraíba o primeiro)
E o capitão Angelim,
(De Pernambuco) um guerreiro.

Era uma luta medonha
Todo êsse povo atirando!
As balas perto de mim
Passavam no ar silvando:
O tiroteio imitava
Um tabocal se queimando!

A polícia entrincheirou-se
Dum riacho na barreira
Donde nos fazia fogo;
Era uma boa trincheira:
Se eu não fôsse cuidadoso
A tropa voltava intelra.

Durou mais de meio dia
Esse combate sangrento.
Ao faltar-me munição
Deixei o acampamento
E fiquei de fora olhando
Do combate o movimento.

Estando eu fora do cerco
Dei inda um tiro, que sinto
Ter êle alvejado apenas
O alferes Paulino Pinto;
Ao Angelim não matei
Porque não o vi distinto.

No tiroteio os soldados
Seis cangaceiros mataram.
E pegaram nove à mão
Que, também, assassinaram,
Como se sangra animais
Êles aos homens sangraram!

Os que puderam fugir
Desembestaram a correr
Dizendo: — O diabo é quem espera
Para sangrado morrer!
Cada qual mais precavido
Procurava se esconder.

O sargento José Lopes,
Vendo o alferes baleado,
Ordenou sangrassem os presos,
Obedecendo-o um soldado
Não o matei porque o rifle
Estava descarregado.

Vi matarem todos: nove,
De um a um, por escala,
Mataram todos à faca,
Não quiseram estragar bala,
Sòmente Antônio Francisco
Morreu sem perder a fala!

Fugi do Surrão. No Estado
De Pernambuco encontrei
A um dos meus intrigados
A quem eu não perdoei.
Era o Sebastião Corrcia:
Êste com um tiro matei.

Na fazenda das Pedreiras,
Distrito do Caicó,
Estado do Rio Grande,
Eu quase que fico só!
Lá eu me vi apertado...
Qual moleque no cipó...

O Tenente Tolentino
Nessa fazenda cercou-me
Com uma força de polícia
Que, peito a peito, atacou-me!
Nós trocamos muitas balas
Mas êle não acertou-me.

Logo com o primeiro tiro
Dois sargentos derrubei,
Com uma bala certa
Ambos de uma vez matei!
Depois de dar outros tiros
Fora do cêrco pulei.

Desta vez o Tolentino
Matou-me seis cangaceiros,
Dentre êstes um menino,
Que era dos meus companheiros
O que tinha mais coragem:
Seus tiros eram certos.

Tolentino perseguiu-me,
Porém eu pude fugir
Para o Estado do Ceará,
Onde pude residir
Alguns meses, sem ninguém
Onde eu estava descobrir.

Em novecentos e dois,
Pelo Ingá ia passando,
Quando encontrei um enxerido
Que andava denunciando
De mim e meus companheiros:
Sem mais nada o fui matando.

A 15 de Fevereiro
De mil novecentos e três
Em Filgueiras, Pernambuco,
Vi pela primeira vez
A um meu perseguidor;
Matei-o com rapidez!!

Esse meu perseguidor
Era o subdelegado
Francisco Antônio Cabral,
Sendo homem precipitado,
Vivia me perseguindo,
Mas dêle estou descansado.

Matei Marcos dos Pinhões
No mesmo ano, não estou
Lembrado agora em que mês:
Ele a mim denunciou,
Por isso tirei-lhe a vida
Que pouco, aliás, me custou!

Em Arcoiras matei
Um pombeiro de primeira,
(Era um tal de Severino)
Que servia de "chaleira"
Fêz uma vez a policia
Dar-me uma boa carreira!

Em novecentos e quatro
Eu no Mogeiro me achava,
O ex-sargento Manuel Paz
Nessa ocasião passava;
Fiz a êle o que êle a mim
Há muito fazer tentava.

Esse tal Manuel da Paz,
No tempo em que era soldado,
Emboscou-me muitas vêzes,
Fêz-me andar bem assustado,
Porém eu com um tiro só
Mattei-o e fiquei vingado.

Em Outubro do mesmo ano
Fui dos meus acompanhado
Para a Vila do Pilar,
Lá estava encarcerado,
Um meu amigo, e p'ra soltá-lo
Fui em traje de soldado.

Quando cheguei ao Pilar
Do quartel me apossei;
Da munição dos soldados
Também me apoderei;
E as chaves da cadeia
Do carcereiro tomei.

Soltei em seguida os presos
E amarrei os soldados
Que encontrei no lugar,
Deixando-os encarcerados;
Como êles não se opuseram,
Não fiz mal aos desgraçados.

Com os soldados na cadeia
Deixei também o carcereiro;
Dirigi-me ao delegado;
Que me deu algum dinheiro:
Procurou logo imitá-lo,
Um distinto cavalheiro.

Quando saí do Pilar
Para o Ceará subi,
Então no Cariri Novo
Alguns meses residi,
Senti que me perseguiram,
Sem perder tempo fugi. . .

Com destino a Pernambuco
Do Ceará regressei;
De volta, no município
Do Piancó eu passei,
E na povoação de Bonito
Numa casa me hospedei.

De ofender os moradores
Eu não levava intenção,
Mesmo eu não tinha intrigados
Naquela povoação
Mas nada disto livrou-me
De uma grande traição.

Juntou o subdelegado
Alguns homens no lugar
Moradores, e com êles
Quis destarte me cercar;
Ele estava preparado
Para a vida me tirar.

E quando êles me cercaram
Eu não ousei resistir,
Porque uma bala certa
Veio o meu rifle partir;
E eu, vendo-me desarmado,
Tratei logo de fugir.

Em novecentos e cinco
Eu meti-me em questão feia.
A pedido de um amigo,
Dei uma surra de peia
Em um sobrinho legítimo
Do sr. José Gouveia!

Então o José Gouveia,
Julgando-se desfeitoado,
Dissera que me matava
Para o rapaz ser vingado,
Porque nunca um seu parente
Tinha de peia apanhado.

Ele não quis perder tempo:
Logo que pensou assim,
Foi-se valer da policia
Para perseguir a mim,
Declarando a todo o mundo
Que havia de me dar fim.

Dirigiu-se à capital
Da Paraíba: lá então
O presidente do Estado
Nomecou-o capitão
De policia, e deu-lhe ordem
P'ra minha perseguição.

Foi também ao Recife
E a mesma ordem recebeu,
Lá o chefe de policia
Soldados lhe ofereceu,
Passou-lhe uma carta branca
E armamento lhe deu.

Disseram que ele vinha
E eu fui então tocaíá-lo;
Perto de Caruaru
Eu resolvi esperá-lo,
Porém um grande acidente
Privou-me de encontrá-lo.

Eram dezoito do mês
De Dezembro. Eu tinha ido
Esperar o Zé Gouveia,
Mas, não estando prevenido,
Fui feirar no Trapiá,
Pois queria estar munido.

Eu não fui ao Trapiá
Matar ninguém nem ferir,
Fui só comprar munição
P'ra melhor me prevenir,
Julgando que lá ninguém
Me havia de perseguir.

Estava eu dentro da feira
Quando um homem perguntou-me:
— Você é Antônio Silvino?
E de repente atirou-me!
Nesse mesmo instante um negro
Outro tiro disparou-me.

Os tiros não me feriram
Nem me fizeram pavor.
Eu, na fumaça da pólvora,
Gritei ao atirador,
Que era Antônio Nicácio,
Celeberrimo Inspetor!!

— Bandido! segura o tiro,
Não faz coisas de menino,
Repara que estás pegado
E com Antônio Silvino,
Vamos ver no ferro frio
Se dás parte de mofino!

Proferi estas palavras
Já com o meu punhal na mão
E lancei-me ao Inspetor
Veloz como um furacão:
Dei-lhe a primeira facada
Abaixo do coração.

Ele pulou para trás
Com a ligeireza do gato
E gritou: estou ferido!!
Quando vi do sangue o jato
Gritei-lhe: Cuide na vida
Porque eu agora o mato!!

Travamos renhida luta,
Então com poucos momentos
Eu fiz-lhe com meu punhal
Outros grandes ferimentos;
Ouvi-lhe dizer: — Morri,
Sem vencer os meus intentos.

Nisto senti por detrás
Uma terrível pancada;
Eu fiquei tonto e tombei
Por cima de uma calçada,
Ergui-me no mesmo instante
Tendo a cabeça rachada.

Foi o negro que atirou-me
O que me deu à traição
Com o rifle, que disparou
Esta pancada, e então
Desembestou a correr
Ligeiro que só um cão.

Recobrei logo os sentidos
E o traidor procurei,
Porém não pude encontrá-lo,
Quase possesso fiquei!
Nisto meus cabras chegaram
E eu fazer fogo mandei.

— Atirem nesses diabos!
Eu gritei à cabroeira;
Em menos de dez minutos
Estava acabada a feira,
O povo tinha corrido...
E ganhei a capoeira...

Ao depois que todo o povo
Tinha desaparecido,
Uns no mato, outros nas casas,
Estava tudo escondido;
Encontrou-se um homem morto
E um cavalo ferido.

Tôdas as portas da rua
Num momento se fecharam.
Uns noivos que lá estavam
Ninguém sabe onde esbarraram,
Num beco um menino morto
Depois os cabras acharam.

Depois de tudo acabado
Resolvi me retirar.
A rua estava deserta,
Não tinha com quem brigar;
Pelo capitão Gouveia
Decidi não esperar.

Então com os meus companheiros
A Paraíba voltei;
No distrito de Campina
Um inimigo encontrei,
A tiros e a punhaladas
A êle eu assassinei.

Manuel Rodrigues Tôrres
Chamava-se êsse senhor,
Que era meu inimigo
E também perseguidor;
Fiz a êle o que farei
A quem me fôr um traidor.

Em novecentos e seis,
A vinte e seis de janeiro,
Estava eu nos Tatus
Com o meu grupo inteiro,
Quando ao capitão Gouveia,
Dei o combate ao primeiro.

Gouveia ao cercar-me disse:
— Silvino, segura o tiro!
Respondi-lhe — Seu Gouveia,
Você hoje perde o giro,
Porque se matar-me eu o mato,
E se me ferir eu o firo!

Travamos um tiroteio
Que durou quase uma hora.
Então Gouveia bradava:
— Antônio Silvino, agora
Ou você se entrega ou morre,
Ou esmorece ou vai embora.

Respondi-lhe: Não me entrego,
Nem morro, nem esmoreço,
É certo que vou embora.
Para outra vez me ofereço;
Lembre-se sempre de mim.
Que de você não me esqueço.

Dito isto, os cabras dêle
De mim se aproximaram.
Eu dei a última descarga
E ouvi dizer: — Me mataram!!!
E outro gritar: — Me acudam!
Que os cabras me balearam!

Receei que a munição
Se pudesse acabar;
E disse aos meus companheiros
— Devemo-nos retirar;
Desinteiramos a tropa
Não temos por quem esperar.

No Estado da Paraíba
Com um correio me encontrei:
Das malas que êle trazia
Eu logo me apoderei:
Então tomei testemunhas
E as malas tôdas queimeei.

E dei ao correio as coisas
Que a êle pertenciam;
Queimeei as malas porque
Julguei que elas traziam
Dinheiro ou instruções...
Para os que me perseguiam.

Ao depois que eu tomei
As malas dêsse correio,
O govêrno entendeu
Que êsse era um ato feio;
E então em minha pista
Uma grande escolta veio.

A companhia inglêsa,
Em construção de uma linha,
Atravessou uma terra
De propriedade minha,
Procurei-a p'ra dizer-lhe
Que isto não me convinha.

Fui, a sete de setembro.
De novecentos e seis,
Ao povoado Mogeiro;
Destinei-me dessa vez
A cortar o fio aéreo
E pegar algum inglês.

O fio do telegrama
Logo ao chegar eu cortei,
E uma pilha de madeira
Na linha férrea eu deitei;
Foi graças a esta astúcia
Que um trem de lastro esbarrei.

Ao senhor Chico de Sá,
Que era um dos passageiros,
Dirigi-me, por saber
Ser êle dos empreiteiros:
E êle me deu cem mil réis
P'ra mim e meus companheiros.

Eu disse ao Chico de Sá:
— Eu venho aqui lhe avisar
Que esta terra me pertence
E p'ra o trem nela passar
É preciso a companhia
Primeiro me indenizar.

São trinta contos de réis
Que a mim terá de pagar
A companhia inglêsa:
Do contrário hei de arrancar
Os trilhos, e por aqui
O trem não há de passar!!

Então o Chico de Sá
Prometeu-me que daria
O meu recado aos ingleses
Gerentes da companhia,
Para que êles mandassem
A exigida quantia.

Ao govêrno federal
A companhia inglêsa,
Mandou pedir garantias;
Êle, com tôda presteza,
Mandou vir um contingente
Da companhia em defesa.

Do batalhão vinte e sete
Noventa e quatro soldados
Vieram em meu alcance,
Sendo êstes comandados
Por quatro oficiais
Homens já experimentados.

Do segundo batalhão
Quarenta praças valentes
Vieram-me perseguir,
Guiados por dois tenentes;
Na cidade de Campina
Juntaram-se os contingentes.

Então o capitão Formel
Dividiu em diligências
As fôrças que comandava,
Tomando mil providências,
Garantindo não falharem
As suas experiências.

Resolvi deixar o plano
De embaraçar a linha
De ferro, porque essa fôrça
Disposta a matar-me vinha;
E a vinte de novembro
Entrei em Alagoinha.

Na vila de Alagoinha,
No momento em que cheguei
A todos os negociantes
Sem demora coletei;
Procurador do Governo
Desde então me intitulei.

No dia dois de dezembro
Do ano já referido
Entrei na Alagoa-Nova,
Sendo ali bem acolhido;
Coletei todo o comércio
E em tudo fui atendido.

Dentro da Alagoa-Nova
No momento em que eu entrei
Ao quartel policial,
E ao telégrafo cerquei,
Dos soldados que lá havia
Até a roupa tomei!

Recebi todos os impostos
Fiz muito bom apurado
E depois telegrafei
Ao presidente do Estado,
Dizendo-lhe que ao comércio
Eu já havia coletado.

Em seguida retirei-me
Logo que fiz a cobrança
Contra mim ninguém se opôs,
(Nunca vi gente tão mansa)
E entrei no dia seguinte
No povoado Esperança.

No povoado Esperança
Dois macacos eu preendi,
Como êles não se opusessem
Soltei-os, não os ofendi;
Então dos negociantes
Os impostos recebi.

Da Esperança dirigi-me
 À vila de Soledade,
 Aí, de José do Coulo,
 Com quem tenho inimizade.
 Cerquei a casa, mas êste
 Fugiu, por sagacidade!

Na vila de Soledade
 Recebi pouco dinheiro,
 Fugi dali e no distrito
 De Caruaru, em janeiro,
 De novecentos e sete
 Persegui um fazendeiro.

Coronel Manuel Emídio
 Que era subprefeito,
 É o dono da fazenda
 Que eu cerquei sem proveito
 Por não encontrá-lo em casa;
 Porém fiz tudo a meu jeito.

Logo ao chegar na fazenda
 Alguns animais matei.
 E os dois paióis de algodão
 Em seguida incendiei:
 Então pelo coronel
 Emídio não esperei.

Perto de Taquaratinga,
 Num pequeno povoado
 A quem chamam Salgadinho,
 No mês acima falado
 Entrei, e logo o comércio
 Fui deixando coletado.

Em o dia vinte e sete
 Do mesmo mês de janeiro,
 À barra de S. Miguel
 Fui com meu grupo inteiro:
 Ali uma boa surra
 Eu dei num alcoviteiro.

Quatro praças que lá estavam
Em ceroulas as deixei;
Então da Mesa de Rendas
Eu logo me apoderei;
O dinheiro que lá havia
Para o meu bôlso passei.

Incendiei os papéis
Todos da arrecadação.
Deixei nus os empregados!
Conduzi a munição
Dos soldados e os deixei
Sem farda, "comblain" e facão.

Em o lugar Serra Verde,
Município de Umbuzeiro,
Eu encontrei dois "macacos"
A oito de fevereiro,
Com dois tiros lhes provei
Que sou muito escopeteiro.

A vinte e oito do mês
De fevereiro eu voltei
Para a Vila do Pilar;
Ali o quartel cerquei
E então prendi os soldados
E as armas lhes tomei.

Fui ver depois a prisão
E soltei cinco coitados
Que nessa imunda cadeia
Estavam encarcerados
A alguns dêsses já prenderam
Por serem bem descuidados.

Depois de soltar os presos
Eu tomei a direção
Da casa de residência
Do doutor Napoleão.
Porém não o achei em casa
Nessa má ocasião.

Da mulher do comendador
A senhora D. Inês,
Pude tomar quase à força
Seis magros contos de réis,
E se em casa houvesse mais
Eu tomava dessa vez.

Então dirigi-me à loja
Do mesmo Napoleão,
Lá quatro contos de réis
Na gaveta do balcão
Encontrei, e vi que a mim
Tocava aquêle quinhão...

À municipalidade
Pertencia êsse dinheiro,
Porém eu que do govêrno
Sou o principal herdeiro,
Apossei-me dêsse cobre
E em guardá-lo fui ligeiro!

Quando da loja saí
Eu fui à coletoria.
Ali deu-me o coletor
O cobre que em cofre havia:
Sendo êste do govêrno,
A mim também pertencia.

Visitei todo o comércio,
Fiz muito bom apurado,
E vi que de muito povo
Eu me achava acompanhado
Alguns pediam-me esmolas:
Então não me fiz rogado.

Uns quatrocentos mil réis
Com os pobres distribuí
Não serve isto p'ra minh'alma
Porque esta eu já perdi;
Mas serve p'ra os miseráveis
Que estavam nus e eu vesti.

Um oficial de justiça
Escreveu, por mim ditado,
Um pequeno telegrama
Ao presidente do Estado:
Já vêm que a um homem assim
Não se usa mandar recado.

No telegrama eu lhe disse
Que abandonava a questão
Da companhia inglesa.
E depois pedi-lhe, então,
Que êle a fôrça federal
Retirasse do sertão.

As onze horas da noite
Retirei-me do Pilar,
Sem que se dessem conflitos,
Não achei com quem brigar,
Conseguindo pôr-me ao fresco
Sem ninguém me incomodar.

Em dias do mês de Abril,
Na vila de Cabaceiras
Ataquei um fazendeiro;
Porém com boas maneiras,
Seis contos de réis passei
Para as minhas algibeiras.

No dia quatro de Maio,
Em o lugar Cachocira
De Caruaru, matel
Pedro e Antônio Ferreira,
E na povoação Mandaçaia
Fiz um ataque de primeira.

Veio o capitão Narciso
— Homem que honra o seu galão —
Com cem praças escolhidas
Do quatorze batalhão
Aliado ao vinte e sete,
Perseguir-me no sertão.

No dia treze de Maio,
Em Bodocongó eu estava,
Quando a fôrça do exército
Que em minha pista marchava,
Deu-me alguns tiros, julgando
Que dessa vez me matava.

Saí de Bodocongó.
Até não muito apressado...
Então um soldado disse
Que eu saíra baleado;
Porém éle se enganou,
Pois seu tiro foi errado!

Provar que não fui ferido
Dois dias depois eu quis,
E na povoação de Queimados
Onde sempre fui feliz,
Eu prendi o delegado,
Um tal de Antônio Muniz.

Prêso estando o delegado
Eu prendi o seu suplente
E também um inspetor
Que ali se achava presente;
Nenhum se opôs à prisão
Nem se meteu a valente.

Guiado pelos três presos
Que me deram um dinheirinho,
Fui à casa do usurário
Senhor Demétrio Coutinho.
Quinhentos mil réis deu-me êle
Dizendo: — Fico "lisinho"!

No dia 30 de Maio
Com um combóio me encontrei
No Estado de Pernambuco;
Logo as cargas embarguei.
E no lugar Rio Grande
As mesmas incendiei.

Ao major Lucas Donato,
Protetor de um intrigado
Meu, pertencia o combóio
Que foi por mim incendiado;
Julguei que para o Bonito
Fôsse o combóio levado.

Aos matutos do combóio
Prejuízos eu não dei;
E ao tal Lucas Donato,
Dizer por êles mandei,
Que o frete lhes pagasse
Das cargas que eu quicimei.

O alferes Zé Cactano,
Com mais de trinta soldados,
Me tocaiava bem perto;
Mas eu, com os meus, apressados,
Seguimos noutra caminho
E fomos para Afogados.

Quando cheguei em Afogados
Procurei logo avisar
A tôda minha família,
P'ra esta dali se mudar,
Porque os meus perseguidores
Queriam-na exterminar!

De Setembro em dezanove,
E em Maria de Melo
Cerquei a Mesa de Rendas,
E sem que houvesse duelo,
Trezentos mil réis do chefe
Tomei sem fazer apêlo.

Prendi e desarmeí quatro
Soldados que nesse dia
Estavam lá. O dinheiro
Que levci me pertencia...
Dei ao chefe a percentagem
Que o govêrno lhe devia.

Com a companhia inglesa
 Fiz uma acomodação:
 Deu-me ela quinze contos
 Abandonci a questão...
 E o contingente do exército...
 Se retirou do sertão!

De novecentos e sete
 Em Maio, no Cariri,
 Estava numa fazenda
 Quando cercado me vi!
 E nesse cêrco cu um cabra
 De confiança perdi.

Era o Zacarias Neves
 Quem a fôrça comandava,
 E enquanto a tropa a fazenda
 Por diante e por trás cercava,
 Eu com o dono da casa
 Descuidado conversava...

Quando êles romperam fogo
 Saltamos para o terreiro;
 Então nos primeiros tiros
 Eu vi um meu companheiro
 Cair varado de balas:
 Era o Sebastião Bicheiro.

No tiroteio uma bala
 Arrancou-me a cartucheira;
 Conheci logo que a tropa
 Ocupava uma trincheira;
 Então fugi com os meus...
 E a tropa voltou inteira.

Na fazenda Muribeca,
 Duas surras mandei dar,
 Em dois cabras da fazenda
 Que se quiseram armar
 Contra os meus companheiros,
 Que os souberam castigar.

Em dias do mês de Julho,
Eu passei em Gameleira,
Que fica perto do Ingá.
Como ia na quebradeira,
O senhor Zuza da Mota
Encheu a minha algibeira.

A onze do mesmo mês
Eu em Machados passei,
E do sr. Manuel João
Um conto de réis tomei:
E na vila de Natuba
Dois contos arrecadei.

Matei um filho de Marcos,
Que morava nos Pinhões,
No princípio de Setembro;
Quis êle formar questões
Comigo, porém passei-lhe
De minh'arte umas lições.

A vinte e oito de Setembro,
Em São José dos Cordeiros,
Eu entrei com o meu corpo
Composto de seis guerreiros:
E ali de um velho usurário
Nós fomos os dizimeiros.

O velho Vicente Magro
Em São José habitava,
Dirigi-me à casa dêle,
Dizendo-lhe que precisava
De umas moedas de ouro
Que êle enterradas guardava.

O velho, que era usurário,
Disse que não conservava
Esse dinheiro enterrado:
Mas eu lhe disse onde estava
E acrescentei que se êle
Não m'o desse, eu o matava.

O velho, atemorizado,
As moedas arrancou
Elas estavam enterradas
Ele foi e desenterrou
Mas, para m'as entregar,
Umás quedas apanhou.

Chegaram então dois rapazes
Que eram do velho parentes,
E contra mim os dois tolos
Meteram-se a valentes...
Vi-me obrigado a matar
Um d'esses dois inocentes...

Um, eu matei a punhal,
O outro, menos caipora,
Comprou vcado e fugiu
Danado de porta a fora...
Dei-lhe um tiro p'ra espantá-lo
E deixei-o ir embora.

De novecentos e nove
Fui, a dois de Fevereiro,
Bem perto de Serraria,
Em casa de um fazendeiro
De nome Alfredo Chianca,
Homem valente e guerreiro!

Então Alfredo Chianca
Vinte vêzes me atirou,
E, acabando a munição,
Da casa a porta trançou:
Arrombei-lhe uma janela
E êle a mim se entregou.

Não ofendi ao Chianca
Porque eu me admirei
Da sua grande coragem;
Quando em sua casa entrei,
Dei-lhe um abraço apertado,
E amigo d'ele fiquei!

No dia vinte passei
Na povoação Cachoeira,
Que alguém chama de Cebola;
Não era um dia de feira,
Mas lá uns negociantes
Encheram minha algibeira.

Então, de João Farias
Eu a casa incendiei,
Em Clementino de tal
Uma boa surra dei,
De Manoel Borba e Juvêncio
Algun dinheiro tomei.

No dia seguinte eu estava
Descansando em Malhadinha,
Quando me alcançou uma tropa
Que em minha pista vinha;
Então, com os meus companheiros,
Fugi, porque me convinha...

Eram o José do Couto
E mais o alferes Maurício
Os comandantes da tropa,
Que, obrigou-me ao sacrifício,
De dar comprida carreira
P'ra fugir ao precipício...

A tropa não nos cercou
Mas muitos tiros nos deu;
Mandei dar quatro descargas
E fugi com o povo meu;
Da casa onde estava, o dono,
No tiroteio morreu.

Era o velho João Martins
Eu não vi a sua morte,
Porque já havia fugido
E procurando outro norte
Quando os soldados lhe deram
Para os céus um passaporte.

A cinco do mês de março
 No Araça eu cheguei
 E com o chefe da estação,
 Mui calmamente amocet;
 Ah do sr. José Pedro
 Quinhentos mil reis tomei.

Fui a dez do mês de Abril
 Visitar meu inimigo
 Um tal Manuel Tavares;
 Queria dar-lhe um castigo,
 Mas êle fugiu ao ver-me,
 Não quis se entender comigo.

Residia nos Pocinhos
 Esse que fui visitar;
 Só encontrei sua espôsa,
 Por quem mandei avisar
 Que só lhe dava três dias
 P'ra êle dali se mudar.

Depois de a Manuel Tavares
 Eu ter dado um prejuízo,
 Ataquei Francisco Afonso,
 A quem disse: — Eu preciso
 Hoje de muito dinheiro:
 Pretendo deixá-lo "liso"!

O velho Francisco Afonso,
 Que é "cauira" verdadeiro,
 Me disse: — Eu não tenho um réis
 E eu lhe disse: — O cavalheiro
 Pagará com uma surra...
 Nisto, êle deu-me o dinheiro.

Então no dia seguinte
 Quando eu deixei êsses lares,
 Ao arame telegráfico
 Cortei em cinco lugares:
 Fiz na linha o que não pude
 Fazer com Manuel Tavares!

A cinco do dito mês
Eu dei uma emboscada
No afores Joaquim Henriques
Perto de Pedra Lavrada;
Ele vinha com a tropa
E meteu-se na cilada.

Deixei em Pedra Lavrada
Para essa tropa um aviso,
Dizendo que a esperava
E que lhe era preciso
Levar algumas mortalhas
Que eu lhe daria prejuizo!

A treze de Abril estive
Na barra de Santa Rosa;
Ali quinhentos mil réis
Me deu o Manuel Feitosa;
Soma igual Manuel Bezerra
Me deu com cara chorosa...

Então tomei de um soldado
As armas e a cartucheira;
E depois disse aos matutos
Que se encontravam na feira,
Que ali não pagassem mais
O imposto de barreira.

No dia treze de Julho
Eu em Fagundes cheguei;
Lá um negro e uma negra
Com duas surras matei!
Eles a mim foram falsos
E eu nunca lhes perdoei!

No princípio de Janeiro
De novecentos e dez,
Tomei do coronel Lula
Dois magros contos de réis;
Nada fiz em fevereiro
Em março espalhei os pés!

Meia légua, mais ou menos,
Distante do povoado
De nome Pedra Lavrada,
De serras num apertado
Com meu povo entrincheirei-me
Estando bem municiado.

Eram dez horas do dia
Quando eu a tropa avistei;
No alferes Joaquim Henriques
O primeiro tiro dei,
E por não querer matá-lo
Apenas o baleei.

Nisto, meu grupo que estava
Comigo, entrincheirado,
Tambem atirou na tropa;
Feriu uma bala um soldado,
Não o matou mas deixou-o
P'ra tôda a vida aleijado!

Um cabo também saiu
Com a perna balçada;
Deu-nos a tropa alguns tiros,
Porém ao ver-se cercada
Fêz como eu já tenho feito:
Deu uma carreira danada...

Joaquim Henriques, os feridos,
Para Campina levou;
Mas o alferes Mauricio
Que com êle se encontrou,
Prosseguiu na minha pista...
Com três dias me encontrou.

Com uma légua de distância
Da povoação Periquito,
Encontrei-me com Mauricio
Em um lugar esquisito;
Dessa vez não me pegaram
Porque sou muito perito!

A tropa estava escondida
Lentio do mato, almoçando,
Quando eu vinha distraído,
Com dois homens, conversando;
Pegaram a meter-me "luchas"
E quase me iam matando!

Nem ao menos tive tempo
De um tiro só disparar,
Fois se eu perdesse um minuto
Não me podia salvar
E por não ir prevenido
Resolvi me retirar...

Foi a dezoito de Abril
Que eu estava no Juá,
Fazenda pouco distante
Da via de Taperoá,
Quando um correio caipora
Ia passando por lá.

Era êle o João Domingos,
De três malas portador;
Tomei-me as malas e abri-as.
Anei cartas com valor
Em dinheiro, e dêste eu fiz-me
No mesmo instante senhor!

Alguém ainda pediu-me
Pra as cartas eu não romper,
Porém, a êsses pedidos
Resolvi não atender,
Pra não perder o cnsajo
De ao govêrno ofender.

Eu sei que o govêrno paga
Qualquer quantia avultada
Que o agente ou estafeta,
Deixa ser extraviada,
Por isso a correspondência
Fôra por mim violada.

Não ofendi ao correio
Por êle o não merccer.
Ê um simples empregado
Que cumpre com o scu dever,
E mesmo a quem não me ofende
Eu não gosto de ofender.

Abri as malas sòmente
P'ra do govêrno vingar-me,
E também pra, do dinheiro
Que eu encontrasse, apossar-me;
Cento e quarenta mil réis
Foi só o que pôde tocar-me.

Nas Zonas do Cariri
Demorci-me um mês inteiro;
A vinte e sete de Maio,
Maurício, o audaz guerreiro
Achou-me a pista e buscou-me
Como quem busca dinheiro!

O alferes dividiu
A fôrça que comandava,
Em dois grupos de oito homens;
A uma tropa guiava
O sargento Zé do Couto;
A outra êle comandava.

Dos soldados do alferes
Um era rastejador,
E pôs-se a seguir-me a pista
Qual perito caçador,
Só não me alcançaram cedo
Porque sou muito andador...

A vila de Soledade
Eu segui em direção;
Tôda essa tarde seguiu-me
A tropa em perseguição,
Perderam-me à noite a pista
Devido à escuridão,

Debaixo de um umbuzeiro
A tropa se aquartelou,
E ali tôda essa noite
Ela acordada passou;
Que eu estava muito perto
O alferes não suspeitou.

Quando a luz da madrugada
Principiava a raiar
Aproximei-me da tropa,
Pude bem a observar,
Mas eu nessa ocasião
Não quis a ela enfrentar.

Então com os meus companheiros,
Ligeiros como quem voa,
Fomos esperar a tropa
Adiante numa lagoa;
De uma cêrca de pedra
Fizemos trincheira boa.

Eram oito horas do dia
Quando eu na trincheira entrei;
A tropa demorou pouco...
O primeiro que avistei
Em frente à bôca do rifle,
Com um tiro o derrubei.

Era êle o tal soldado
Que me ia rastejando;
Cafu sem dar mais um passo!
Vi os outros recuando...
Nesse momento os meus cabras
Foram os rifles disparando.

Ouvi fazer um soldado
A Maurício êste convite:
— Alferes, atire logo
Em Silvino a dinamite!
Eu aos meus disse: fujamos,
E ninguém se precipite!

Devido ao troar dos tiros
Meu pessoal não me ouviu.
O fogo estava cerrado...
O alferes investiu:
Atirei-lhe na cabeça
E êle por terra caiu.

O alferes só teve tempo
De três tiros disparar.
A bomba de dinamite
Não me conseguiu atirar,
Porque eu matei-o logo
Antes dêle me matar.

Um soldado inda gritava:
Atirem logo essa bomba!
Corri e gritei aos meus:
— Corram, que o diabo é quem zomba
Da terrível dinamite,
Que onde bate tudo tomba.

Seis minutos mais ou menos
Depois que os tiros cessaram,
Dois soldados corajosos
Do alferes se aproximaram;
Do dinheiro que êle conduzia
Então êles se apossaram.

Voltei ao campo da luta
Para ver quantos morreram.
As praças que lá estavam,
Quando me viram, correram
Com tanta velocidade
Que creio que até se perderam.

Inda atirei-lhes de longe
E creio que a um baleei,
Mas deixei-os ir embora,
Dos mortos me aproximei
E da bomba envenenada
Logo ali me apoderei.

A bomba, essa eu guardei
Por ter dela precisão.
Então os meus companheiros,
Nessa mesma ocasião,
Carregaram dos dois mortos
Fardas, rifle e munição.

Ao ver que já tinha morto
Meu maior perseguidor,
Senti o meu coração
Possuido de rancor
Por ter dado a morte a um homem
Que me metia pavor!

De esmigalhar o cadáver
Senti um desejo insano!
E covarde e friamente
Executei êsse plano
Porque o meu coração
Não tem mais nada de humano!

Com uma pedrada deixei-lhe
A cabeça esfacelada!
Depois mandei cada um
Dos meus dar-lhe uma facada,
Fiz tudo isso e não senti
A minh'alma perturbada!

Sei que minh'alma já está
Muito negra e empedernida,
Porque cento e uma vêzes
Tenho-me feito homicida!
O crime hoje é a coisa
Mais comum da minha vida!

Se eu não matasse Maurício
Creio que êle me matava;
Pois era o oficial
De quem eu mais receava.
A bomba que êle trazia
Era o que mais me assombrava.

Também estive em Serrinha
 Onde ordenei a um soldado
 Que o impôsto de barreira
 Por êle ali arrecadado,
 Fôsse só pela metade
 Aos sertanejos cobrado.

Eu o fio do telágrafo
 No mesmo dia cortei
 Em dez ou doze lugares;
 Depois avisar mandei
 A polícia de Campina
 E com os meus me occultei...

Fui em setembro de mil
 E novecentos e dez
 A barra de S. Miguel
 E lá espalhei os pés;
 Matei, pedi e tomei
 Quase três contos de réis.

Lá dois soldados quiseram
 Comigo se arreliar,
 Porém eu matei um dêles
 E no outro mandei dar
 Uma surra, e, no meu grupo
 Fi-lo à força bruta entrar...

Então guiado por êle
 Eu fui à Mesa de Rendas;
 O dinheiro que achei lá
 Mal deu para as "encomendas";
 Eu embolsei-o dizendo:
 — Este é p'ra as minhas merendas.

Na Mesa de Rendas todos
 Os papéis que encontrei,
 Como fossem do Govêrno
 Incendiá-los mandei
 E sem incomodar outros
 Da Barra me retirei.

No ano mil e novecentos
E onze, ainda brigado
Não tinha eu uma só vez,
Quando em Abril fui cercado
Pelo alferes Ramalho.
Que me deu algum cuidado.

Foi no lugar S. Mamede
Que êsse encontro se deu;
Alguns jornais afirmaram
Que o meu grupo correu.
Foi êrro; vou aos leitores
Contar o que aconteceu.

O alferes José Ramalho
Julgou que eu cra pichote;
Atirou-me entrincheirado,
Porém deu crrado o bote,
Porque eu não sou arara:
Me entrincheirei num serrote.

Êle tirou-me de longe
E um tiroteio cerramos,
Que durou mais de uma hora,
Té que ambos esgotamos
Tôda a nossa munição,
E depois nos acalmamos.

Depois que a luta cessou
Esperei o resultado
Que ficou por isso mesmo:
A fôrça tinha arribado.
Notei então que um dos meus
Tinha sido baleado.

Fui em Junho a Mamanguape
Aonde fui bem aceito;
Ali hospedei-me então
Na fazenda do prefeito;
Êste deu-me um tratamento
Que me deixou satisfeito.

Pediu-me muito o prefeito
Para eu não ir à cidade;
Atendi o seu pedido
De muito boa vontade,
Pois com pessoas dali
Eu não tinha inimizade.

Então aos negociantes
Mandei logo um mensageiro
Com cartas minhas, pedindo
A todos algum dinheiro;
Mandaram-me o rico arame,
Ninguém se fêz de estradeiro.

A dezenove de Julho.
Bem perto de Soledade,
Eu consenti os meus cabras
Fazerem perversidade
Com a família dos Coutos,
Com quem tenho inimizade.

Num irmão de Zé do Couto
Dar uma surra mandei,
E o compadre João de Banda
Dar na mãe dêle deixei.
Do velho Couto um paiol
De algodão incendiei.

Foi esta a primeira vez
Que consenti espancar
Uma mulher, pois no velho
É que o compadre ia dar;
Não o achou, deu na velha
P'ra a viagem aproveitar.

Então ordenei à velha
Que com o marido partisse
As pancadas que levou,
E ao Zé do Couto pedisse
P'ra êle ir criar seus filhos
E comigo não bulisse.

No dia nove de agosto
Assisti a um casamento
Perto de Tapeorá;
Com grande contentamento
Participei do banquete
E de todo o divertimento...

A um padre que estava lá
Assisti de confissão!
Dispensei-o de rezar
O ato de contrição;
Limitou-se a responder-me
O que lhe perguntei então.

Depois que o absolvi
Ordenci-lhe que guardasse
Para mim algum arame;
Para quando eu precisasse,
Disse êle que ao meu dispor
Estava, se eu o ocupasse.

Saí então da fazenda
De Jucelino Vilar,
E então no dia seguinte
Eu consegui me encontrar
Com meu primo Antônio Godê,
E juntos fomos andar...

No dia doze estivemos
Na Passagem; lá cortei
O arame telegráfico,
Pois com êste me intriguei,
Porque êle é mexeriqueiro
Com prazer sempre o estraguei.

Estive também a passeio
Em São João do Sabugi,
Conceição do Azevedo,
Currais Novos e Araci;
Fiz por lá boas colheitas
E voltei p'ra o Cariri.

Em Conceição do Azevedo
A música me visitou,
Dinheiro, "bouquets" e baile
O povo lá me ofertou;
E ainda há gente que diga
Que ao Rio Grande não vou?!

A vinte e quatro de agosto,
Da Viração muito perto,
O alferes João Facundo
Num lugar pouco deserto
Emboscou-me, porém eu
Fui mais do que êle esperto!

Eu vi a tropa emboscada
Então desviei-me dela,
E num boqueirão da serra
A tocaei com cautela;
Voltou a tropa e mais tarde
Caiu na minha esparrela.

Quando a fôrça aproximou-se
Nove tiros lhe enviei,
E nesse mesmo momento
Ao alferes eu gritei:
— Se não correr, comandante,
Sua tropa arrasarei!

Quis o alferes resistir-nos,
Porém viu logo feridos
Caírem quatro soldados;
Todos soltando gemidos
Diziam: — Se não correremos,
Matam-nos êsses bandidos!

A tropa ainda atirou-me
Mas pôs-se logo a fugir;
Eu também não esperei
Que outra pudesse vir.
E pus-me ao fresco; os feridos
Resolvi não perseguir...

Na noite do mesmo dia
Encontrei um conhecido
Que me procurou abraçar;
Mas eu me fiz distraído,
E dei-lhe tão grande tapa
Que o deixei no chão caído!

Poucos dias depois disto
Com a polícia me encontrei;
Trocamos ainda alguns tiros
Mas eu a ninguém matei,
E, tendo enganado a tropa
P'ra longe me retirei.

Em Novembro, em Macapá,
Fui visitar Manuel Belo,
Mas como não o encontrei
Para entrarmos em duelo,
Deixei-lhe a casa queimada
E o mobiliário em farelo.

Ao chegar em Macapá
Só o genro dêle achei;
Deu-me êste a chave do cofre,
E o que dentro encontrei
Foi uns dez contos de réis;
Dêstes, então, me apossei.

O Manuel Belo movia
Contra mim perseguição...
Por isso queimei-lhe a loja
E um vapor de algodão;
Deixei-lhe mais um recado:
Que não esperasse perdão!

Dias depois eu estive
Na povoação da Serrinha,
Passei na Vila Pilar,
Onde a terra é quase minha,
E depois fui ocultar-me
Em lugar que me convinha...

De novecentos e doze
Em Maio, no alto sertão,
No lugar Riacho Sêco,
Eu tive o ensejo então
De encontrar meu inimigo
O negro Antônio Carão.

Esse negro a um meu parente
Havia assassinado
Simplesmente p'ra roubar;
E por ser meu intrigado
Matei-o à bala e por mim
Foi seu corpo então queimado!

Dei-lhe dois tiros deixando-o
Muito ferido no chão,
Fiz por cima do seu corpo
Uma coivara, e então
Ateei fogo e deixei-o
Virado em cinza e carvão.

No dia sete de Junho
Em Santa Luzia entrei,
E então dos negociantes
Uns trinta contos levei;
E no capitão Aristides
Uma grande surra dei!

Há uns dez anos jurei
De Aristides me vingar,
Porque dois cabras meus foram
À polícia se entregar,
E êle os mandou na cadeia
De fome e sede matar.

Prometi dar-lhe uma surra
E a promessa cumprí,
E então a sua família
Dessa vez eu persegui;
De alguns levei o dinheiro,
D'outros os bens destruí.

Fui à vila de Afogados
De Ingazeira, onde nasci,
E uns nove contos de réis
Naquela vila colhi!
Mas o Desidério Ramos
Por caiporismo não vi.

Parei perto do Monteiro,
Esuive na povoação
De Jatoba, e em queimadas
Fiz boa arrecadação;
De Santa Cruz uns dois contos
De reis, conduzi então.

A quinze do mês de Julho
Eu fui a Santa Maria,
E os moradores de lá
Julgando que eu corria,
Deram-me uns tiros, mas eu
Reagi como devia.

Com poucas horas de fogo
Os cabras esmoreceram,
Acabaram o tiroteio
E para o mato correram...
Eu tomei conta da rua
E todos ali sofreram!

Incendiei quatro casas
E dei de peia a valer!
Deixei diversos feridos,
Só não fiz nenhum morrer
Porque êles correram logo,
E quem corre quer viver...

Fui ao Engenho Filgueiras
Do major João Florentino;
Ele outrora perseguiu-me
E eu fui dar-lhe um ensino,
P'ra êle saber que só Deus
Matará Antônio Silvino.

Cerquei-lhe a casa, mas êle
Quis se meter a guerreiro,
Brigamos mais de uma hora,
Matou-me êle um cangaceiro,
Matei-lhe outro e, êle ferido
Fugiu para o Limoeiro.

Logo que o major correu,
Do engenho me apossei,
Recolhi todo o dinheiro,
Depois as casas queimei;
Cinquenta contos de réis
De prejuizo lhe dei!

Paguei a um camarada
Para o meu cabra enterrar,
E voltei à Paraíba
Perto da Vila Pilar.
Demorei-me, decidido
A alguns dias descansar.

As malas de um correio
Perto de Patos tomei,
E tôda a correspondência
Que êle trazia, queimei;
Foi essa a terceira vez
Que êsse crime pratiquei.

Das Espinharas, na Serra
Das Preacas, eu estava
Em uma furna, era noite;
Ali, dormindo, eu sonhava
Que o espirito de Maurício
De surpresa me atacava.

Dizia-me êle — Silvino,
Prepara-te para lutar,
O que fizeste comigo,
Agora me vais pagar;
Visto os vivos não quererem
A minha morte vingar.

Ergui-me sobressaltado
E um tiro disparei
Contra o fantasma e, então,
Muito ligeiro, acordei;
Ouvindo um grande rugido
Quase assombrado fiquei.

Esse rugido abalou
Até o mais fundo «reconco»
Da fumaça; a serra tremeu
Desde o cimo até o tronco;
Percebi rapidamente
Que de uma onça era o ronco!

Então atirei na fera,
Que sobre mim se lançou
E deu um tapa no rifle
Que distante o atirou.
E ouvindo o estampido
Mais assanhada ficou!

Dei um pulo para trás
E da pistola puxei;
Porém, no mesmo momento
Que um tiro lhe disparei
Deu ela n'arma outro tapa,
E desarmado me achei!

Felizmente, nessa gruta
Entrava a luz do luar,
E o solo era espaçoso...
Continuei a pular
Me desviando da fera
Que me tentava agarrar!

Num dêsses saltos eu pude
Puxar da cinta o punhal,
E apertei-o na mão
Com uma ira infernal,
Dizendo: — Se eu não morrer
Mato este sudaz animal!!

A onça era tão ligeira
Como de um raio o clarão!
Eu não voava, porém
Mal sentava os pés no chão!!!
Compreendi que em mata-la
Estava a minha salvação.

E quando a fera avançou
De arma em punho a esperéi,
E então ao pé da guela
Tal punhalada lhe dei,
Que o punhal, enterrado,
Dentro dela abandonei.

Ela em minha mão esquerda
Deu uma grande dentada,
E onde passou as unhas
Deixou-me a pele csfolada;
Só feriu-me no momento
Em que lhe dei a punhalada...

A onça, ao ver-se ferida,
Um enorme salto deu
Rugindo com tanta fôrça
Que a serra estremeceu;
Então por sôbre um lajedo...
O corpo em cheio estendeu...

E enraivecida, rugindo,
Tentava se levantar,
Procurando em vão com os dentes,
A arma do peito arrancar,
E eu, desarmado, temia
Que ela voltasse a lutar!

Quando a fera se aquietou,
Da gruta me retirei,
E todo o resto da noite
Noutra furna repousei.
Sômente pela manhã
Meus companheiros busquei.

E reunido ao meu grupo
Nessa fuma penetramos;
A onça morta a um canto
Logo ao entrar encontramos:
Minha pistola e meu rifle
Ambos quebrados achamos.

Vi que no peito da fera
O punhal estava enterrado
E reparei que o meu rifle
Tinha o coice esfacelado!
A pistola achei-a longe
Com o gatilho quebrado.

Então do peito da onça
O meu punhal arranquei,
E o sangue que o ensopava
Logo em um lenço limpei.
Depois, com muito cuidado
Eu a onça examinei...

Era uma onça pintada,
De formas desconhecidas
Os dentes ponteados,
Unhas longas, desiguais;
Tinha os músculos dianteiros
Mais grossos que os de detrás.

Retiramo-nos da gruta,
E minhas feridas curei.
Consertar as minhas armas
Por um ferreiro mandei,
E junto aos meus companheiros
Outras zonas procurei.

No Rio Grande do Norte
Com a Polícia me encontrei,
E com o comandante desta
Então conferenciei...
E para pagar a cerveja
A êle logo intimei.

O major Seabra jurou
Comigo não se intervir,
Eu também lhe garanti
Com os dêle não bolir;
Pois eu só mato soldado
Que me anda a perseguir.

De novecentos e treze
Eu em Janeiro cheguei
À Cachoeira dos Guedes,
E do Rufino levei
Dois contos; e um telegrama
Para a Capital passei.

Às altas autoridades
Nesse telegrama eu disse
Que só pretendo morrer
Em adiantada velhice,
E que elas me perseguindo
Cometem grande tolice!!

A força que acompanhava
O alferes Irineu
Encontrou-me em Soledade
E alguns tiros me deu;
Mas, fugi, por'star na casa
De um velho amigo meu.

Em Lagoa do Remígio
Fui à agência do correio;
Botei p'ra fora o agente
Sòmente porque era feio;
Tomei-lhe o cobre dos selos
E contra mim ninguém veio.

Uma vez dono da agência
Dei logo um expediente,
E avisei ao diretor
Que ali eu era o agente,
E que todo o apurado
Tocaria a mim sòmente!

Então a um negociante
Comprei muita munição;
Arranjei muito dinheiro
Depois da arrecadação
Ao povo da Serraria
Fui passar uma lição.

Perto da Vila hospedei-me;
Veio ali me visitar
O major Antônio Bento
Que logo mandou chamar
O delegado, e êste foi
Meu impôsto arrecadar!!

Eu estava no Ingá
Na casa dum camarada,
Quando inopinadamente
A fazenda foi cercada
Por soldados de polícia
Que não arranjaram nada...

Porque com muita cautela
Resolvi me retirar
Da fazenda, pois não quis
Contra a polícia atirar,
Nesse dia eu não estava
Disposto para matar.

Há muito que eu procurava
Encontrar um valentão,
Que para lutar comigo
Tivesse disposição;
E de achar êsse duro
Tive um dia ocasião.

Perto do Brejo de Areia
A quatro de Fevereiro
De novecentos e nove,
Encontrei êsse guerreiro
Que não matou-me, porque,
Vali-me de Deus primeiro.

Era um sujeito mestiço,
De cabelos afogueados,
Os dentes muito amarelos,
Beijos grossos e rachados;
Pés chatos e mãos compridas,
Olhos grandes e encarnados.

Conheci que êsse cabra
Era mau de profissão
Então para dar-lhe uma sova
Me pediu o coração;
E eu quis me certificar
Se o cabra era valentão.

Gritei-lhe: — Cabra, quem és?
De onde vens e p'ra onde vais?
Disse-me o cabra: — Meu nome
É Diabo ou Satanaz;
Venho do inferno, e contigo,
Vou lutar ou fazer paz!

Vens comigo fazer paz?
E eu pedi-te essa aliança?
— Não pediu, mas pode ter
Em mim tôda a confiança...
Respondi-lhe: — De salvar-me
Ainda eu tenho esperança.

Disse-me o diabo: — E esperas
Ainda por salvação?
Te esqueces que fazer crimes
É só a tua profissão?
Respondi: — E não se salvou
Da Bíblia o Bom Ladrão?

— Se êsse Dimas se salvou
É porque amava a Deus,
Mas tu és um inimigo
Dos dez mandamentos seus!
E eu perguntei-lhe: — E você
Conhece os intuitos meus?

Disse o diabo: — Eu bem sei
Que é funesto o teu destino:
És traidor, e perverso,
És ladrão e assassino!
E hoje para o inferno
Irás comigo, Silvino!...

Quando eu ouvi o diabo
Estas frases proferir,
Respondi-lhe: P'ra o inferno
Contigo eu não hei-de-ir!
Disse-me êle: — Isto agora
Havemos de decidir!

Para decidirmos isto
Lutarmos muito é preciso...
E dito isto disparei-lhe
Um tiro de improviso.
O diabo aparou a bala
E disse com ar de riso:

— Ah! não me atires, porque
Com balas tu não me ofendes,
E acrescentou: — A certeza
Eu tenho de que te tendes!
Se prolongares a luta
Eu juro que te arrependes!

— Render-me? nunca! E o rifle
Vinte vêzes disparei...
E presumo que os tiros
Todos no diabo acertei,
Mas êste aparando as balas
Deu-mas quando eu terminei.

Então conheci que a bala
Para o diabo não se fêz;
E manejando o punhal
Vibrei-lhe com rapidez
No peito uma punhalada,
Mas errei inda uma vez!

Dei-lhe ainda muitos golpes
 Julgando que o matava,
 Mas todos foram perdidos
 Porque a arma não o furava:
 O punhal batia néle
 E envergado ficava!

Lutamos uns dez minutos...
 Então eu compreendi
 Que não vencia o diabo,
 Porém, não esmoreci!
 E quando me vi perdido
 Logo de Deus me vali...

Dizia o diabo sorrindo:
 — Levo-te sempre comigo;
 É melhor ficares manso,
 Que te terei como amigo.
 Então eu disse: — Meu Deus,
 Livrai-me dêste inimigo!

Vi que lutando morria;
 E a rezar me dispus.
 Então me ajoelhei
 E rezei o credo em cruz,
 E disse: — Eu te esconjuro,
 Diabo! em nome de Jesus!

Quando eu me persignei
 P'ra longe o diabo correu
 E disse: — Falas em Deus?
 Foi isso o que te valeu.
 Mas de outra vez voltarei,
 E serás companheiro meu!

Depois fiz paz com o diabo,
 E hoje em dia êle me segue;
 E já não temo que o mesmo
 Para o inferno me carregue,
 Eu só não quero é que um dia
 Êle à polícia me entregue.

Deus que me tinha no mundo
Para um instrumento seu,
Já havia decretado
Tudo quanto aconteceu
Comigo, pois nesse dia
Tirou o prestígio meu!

A dezoito de Novembro
Eu em Pocinhos cheguei;
Que o padre Antônio Galdino
Desse-me um jantar, mandei;
E que me servisse à mesa
Ao mesmo padre obriguei.

Ao retirar-me, esse padre
Lançou-me a excomunhão,
Missa de corpo presente
Cantou em minha tenção.
Na noite do mesmo dia
Me apareceu uma visão.

Eu estava em uma casa
Jogando bem descuidado,
Quando apareceu-me um homem
Com um objeto embrulhado;
E me disse: -- Eis um presente
Que para si foi mandado.

Ergui a vista, porém,
Já o homem não avistei;
Abri o pacote, e dentro,
Um par de algemas achei;
Fiquei tão impressionado
Que ali quase me assombrei!

Compreendi que o padre
Botara-me urucubaca!
A estréla que me guiava
Via-a no céu mais opaca;
De minha vida a corrente
Conheci que estava fraca,

Na manhã do outro dia
Eu na estrada encontrei
Com um boi de Cristiano:
Bem à testa lhe atirei;
Visto não pegar o "gringo"
No boi déle me vinguei.

Depois de andar oito léguas
De onde o boi tinha ficado,
Debaixo de um umbuzeiro
Sentei-me um pouco enfadado,
Quando vi chegar o boi
No qual eu tinha atirado.

Esbarrou perto de mim
Ameaçando me dar,
Chegou esvaído em sangue
E danado para urrar;
Como quem vinha sòmente
Para de mim se vingar.

Quando eu vi aquela cena
Perdi logo a esperança;
Conheci que minha vida
Estava numa balança;
O urro do boi dizia:
Meu sangue pede vingança!

Conheci que aquêle boi
Da morte era o mensageiro;
Quis atirar-lhe, e meu rifle
Mentiu fogo; então ligeiro,
Me retirei e não quis
Que o matasse um companheiro.

Depois, com meus companheiros,
Fomos p'ra Taquaratinga,
Eu convenci-me de que
Me acompanhava a "caninga".
Meu coração me dizia:
Silvino, volta e te vinga!

Porém, eu não quis voltar
Na mesma noite cheguei
Em Alagoa da Laje,
E no mato me ocultei.
Debaixo de um juazeiro...
Quatro horas descansei...

Porém, no dia vinte e oito
Melancólico me senti;
Passei o dia jogando...
Às cinco horas me vi
Pela polícia atacado,
E ao fogo, então, resisti!

Como eu estava em campo raso,
Num serrote me entrincheirei;
Guiando os meus companheiros,
De umas pedras me amparei,
Foi ferido o Joaquim Moura
Mas brigando me conservei.

Foi por detrás de uma cerca
Que a polícia se ocultou,
De onde nos fazia fogo;
O meu rifle disparou
Trinta vezes contra ela,
Mas nem um tiro acertou.

No pai de um meu companheiro
Uma surra eu tinha dado;
(Já fazia quatro anos)
E o cabra havia jurado
De me matar à traição
Em um momento aprazado.

Esse cabra traiçoeiro
Perto de mim atirava
Por detrás de uma pedreira,
Vendo que eu não o olhava,
Atirou-me por detrás
Quando eu menos esperava!

E uma bala de Mauser
 Pelas costas me varou,
 E saindo pelo peito,
 Um rombo enorme deixou.
 Caí no chão quase morto
 E o cabra ali me roubou.

Levou-me todo o dinheiro
 E um anel de brilhante,
 Levou-me um grande punhal
 E um rifle muito importante;
 Não me pude defender
 Porque estava agonizante.

Quando despertei da síncope
 Foi que me senti ferido;
 Ali procurei meu grupo
 Que de mim tinha fugido.
 Tudo quanto eu possuía
 Tinha desaparecido.

Com dificuldade ergui-me
 Depois de me ter sentado;
 Olhei em redor e vi
 Um homem no chão deitado,
 Era o amigo Joaquim Moura
 Que se achava baleado.

Chamei-o, êle se sentou
 E me disse: — Estou perdido,
 Mas não me entrego à polícia.
 Portanto, eu me suicido...
 Deu um tiro na cabeça.
 Morreu sem dar um gemido!

Quis eu também suicidar-me
 Mas as armas não achei;
 O veneno que eu trazia
 Nos bolsos, não encontrei.
 Levantei-me, e a uma casa
 Quase de rastro cheguei.

Ao dono dessa vivenda
Pedi que fôsse chamar
O comandante da fôrça
Para a êle eu me entregar,
Pois eu estava quase morto
E queria me confessar.

Tinha o dia amanhecido
Quando a policia chegou
Então o alferes Teofanes
De mim se aproximou;
Mas, devido ao meu estado,
Êle não me interrogou.

Fui para Taquaretinga
Pela fôrça conduzido;
Levaram-me numa rêde
Porque eu estava tão ferido,
Que não andava, e cheguei
Quase que desfalecido.

Dois dias e uma noite
Eu passei encarcerado
Na cadeia da cidade,
Sendo muito visitado;
A vinte e nove já eu
Me sentia melhorado.

No dia trinta bem cedo
Em um burro me montaram,
E para Caruarú
Os soldados me levaram.
Mais de duzentas pessoas
Na estrada nos encontraram.

Chegando em Caruaru
Cinco horas descansamos;
As duas da madrugada
Para o Recife embarcamos.
As sete horas do dia
Nesta capital chegamos.

Por médicos e enfermeiros
Vim no trem acompanhado
O Dr. Chefe de Polícia
Também se achava a meu lado,
Tratamento de primeira
Foi sempre a mim dispensado.

Mais de duas mil pessoas
Me esperavam na estação,
E me olhavam confusas
Com muita admiração.
Grande massa acompanhou-me
À Casa de Detenção.

A bala que me feriu
Feias costas penetrou.
Saiu no peito direito
E o pulmão me afelou:
Mas só prostrou-me porque
A cardite me atacou.

Os médicos já conseguiram
Meus ferimentos curar...
O resto da minha vida,
Vou na prisão descansar,
Porque dos crimes que tenho
Não espero me livrar.

Já me confessei a um frade,
Mas, não estou regenerado.
Acho-me muito abatido
E estou desequilibrado;
Agora com o suicídio
Eu vivo impressionado.

Sòmente à fatalidade
Devo esta situação,
Pois todos sabem que eu era
Um indomável leão!
E nem eu sei porque foi
Que me entreguei à prisão.

Não me prenderam, entreguei-me
Porque fui impulsionado
Pelo destino talvez!
Vi-me ferido e roubado,
Vim morar nesta prisão,
Cumprir a lei do meu fado.

O MEU JULGAMENTO

Fazia vinte e um meses
Que eu me achava na prisão;
Já estava mais robusto
E completamente são,
Quando fui levado à Olinda
P'ra aí ser julgado então.

Foi em mil e novecentos
E dezesseis, bem me lembro
Começou o meu julgamento
No princípio de Setembro,
Estava reunido o juri
Sem que faltasse um só membro.

Presidiu meu julgamento
O Dr. César Godim,
O qual foi pelo governo
Escolhido p'ra esse fim;
Não sendo êle meu amigo
Podia julgar a mim.

Foi o meu advogado
Dr. Adolfo Simões;
Esse ilustre bacharel,
Com suas aptidões,
Provou que eu tive razão
Em dominar os sertões.

O Dr. Pedro Caú
Serviu como promotor,
Como órgão da Justiça
Foi o meu acusador.
Quis êsse dar aos meus crimes
Maior vulto e mais horror.

Disse o juiz de Direito:
— Queira o réu me responder
Se sabe porque está prêso,
Porque julgado vai ser;
Pode também alegar
Razões p'ra se defender.

Respondi-lhe: — Sr. Juiz,
Porque estou prêso bem sei.
Pois vim pagar na prisão
Os crimes que pratiquei;
Razões p'ra me defender
Algumas alegarei.

— Concedo ao réu a palavra
Para êle se explicar;
Dizendo quais as razões
Que teve para matar,
E em que lei encontrou
O direito de saquear.

Senhor juiz eu criei-me
Como um sertanejo honrado,
Vivendo do meu trabalho
Sem a ninguém ser pesado.
Quando atingi vinte anos
Vi meu pai assassinado.

Os que mataram meu pai,
Em vez de perseguição
Da polícia do lugar
Tiveram foi proteção,
Então resolvi matá-los
E acho que com razão.

Depois dos primeiros crimes
Vi-me logo perseguido;
Fui obrigado a viver
Nas montanhas escondido
A lei da necessidade
Obrigou-me a ser bandido.

Disse o juiz: — Estou ciente,
Vejo que teve razão
De se fazer criminoso,
E mandou que o escrivão
Iniciasse a leitura
Do meu processo em questão.

Leu o escrivão o processo
Todo arbitrário e ilegal
Depois fêz-me o promotor
Uma acusação verbal:
Disse que eu como bandido
Era o gênio do mal.

E falou: — Senhores jurados,
Este é o Antônio Silvino
Que matava no sertão
Homem, mulher e menino,
Era ladrão e malvado,
Desonrador e assassino!

Durante dezoito anos
Foi o terror dos sertões,
Assombravam todo o mundo
As suas depredações
São de um homem desabusado
Tôdas as suas ações.

Confio que os jurados,
Que são homens conscientes,
Dêem o máximo da pena
Que é o prêmio dos delinquentes
A essa fera humana
Assassina de inocentes.

Falou meu advogado
Replicando ao promotor,
Provando que eu nunca fui
De inocentes matador;
Sempre respeitei a honra
E nunca fui salteador.

Disse que eu sempre matei
Todos que me perseguiram,
Que nas vilas do sertão
Com festas me recebiam,
E o que eu tomava dos ricos
Dava aos que me pediam.

E disse que eu no sertão
Nunca de ninguém roubei,
Aos conhecidos pedi,
Dos governantes tomei;
Sòmente dos inimigos
As casas incendiei,

Findando o advogado
Sua bela alocução,
Pedi aos doze jurados
Que votassem meu perdão,
Provando que eu era vítima
De uma vil perseguição.

Calou-se o advogado
E o juri se recolheu
Quando o grupo de jurados
Na sala reapareceu;
O Dr. Juiz de Direito
A minha sentença leu.

Trinta anos de prisão
Fui eu então condenado
Anular esta sentença
Não pôde o advogado;
Voltei para a Detenção
Um pouco contrariado.

Porém, já resignei-me
A cumprir minha sentença,
Pois quem mata o semelhante
Não vê de Deus a presença:
E a prisão é dos crimes
A legitima recompensa.

Hoje estou arrependido
De ter sido um delinqüente;
Já ofereci-me ao governo
P'ra ir pra linha de frente
Dar combate aos alemães, (1)
E morrer como um valente.

(Versos de Sebastião Nunes Batista)

Cumpriu Antônio Silvino
Sua pena na prisão.
Foram vinte e três janeiros
Que passou na Detenção,
Redimiou-se do passado
Ficando regenerado
Tornou-se um bom cidadão...

No presídio trabalhando
Sua família educou.
Arrependido dos erros
Que em moço praticou,
O Evangelho estudando
Foi a verdade enxergando
E para Deus se voltou.

Quando na face da Terra
Houver mais compreensão,
E a justiça fôr reta
Sem nenhuma distinção;
O homem não mata mais
E pode viver em paz
Estimando o seu irmão.

(1) Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Lá no presídio Silvino
Era por todos olhado,
Como exemplo de conduta
Porque era comportado.
Os presos o respeitavam
E nele se confiavam
Por êle ser ponderado...

No ano mil novecentos
E trinta e sete, Silvino,
Foi indultado da pena
Que cumpria, redimindo
Os crimes que praticou
Quando no sertão andou
Promovendo desatino...

Foi no mês de fevereiro
Que o seu indulto se deu,
O Govêrno Federal
Do velho se condeou;
Liberta o «Leão do Norte»
O cangaceiro mais forte
Que o nordeste conheceu...

Mas, agora meu leitor,
Êle não era um leão,
Era um regenerado
Voltado à religião,
Que estava arrependido
Do seu passado dorido
E rogava a Deus perdão...

No ano de trinta e oito
Quando Lampeão morreu,
Na emboscada que a
Polícia lhe promoveu,
Silvino falou então
Por aquela ocasião
Conforme se escreveu...

«Não fiquei admirado
Pois a vida é passageira.
Lampeão tinha que ir
Desta ou de outra maneira,
Porém êle era esperto
Ser pegado «descoberto»
Isso é que eu acho uma asncira»...

«Acredito que os homens
Estvam adormecidos,
Pois caíram fácilmente
Na ratoeira, perdidos,
Eu conheço Lampeão
E não sei porque razão
Estavam desprevenidos»...

«Ainda lhe perguntaram:
— Silvino, você então,
Acha que está terminado
O ciclo de Lempeão?
Ou ainda há de surgir
Alguém que queira seguir
A senda de valentão?...

Silvino olhou o repórter
E lhe respondeu assim:
Enquanto a injustiça
No sertão fizer festim,
Sempre há de aparecer
Para todo mundo ver
Que o cangaço não tem fim...

«Olhem mais para o sertão
Que vive desamparado,
O inculto sertanejo
Se vê desorientado,
E quando é injustiçado
Recorre ao «páu furado»
Para se fazer vingado»...

E ainda arrematou:
 — Isso não se acaba assim,
 O rifle nada concerta
 O homem fica ruim,
 Depois que mata o primeiro
 Se transforma em cangaceiro
 Como aconteceu a mim»...

«Sopraram de «Virgolino»
 A chama do «lampcão»
 Surgirão outros, depois,
 Digo com convicção
 Se a justiça não fôr
 Ajudar o agricultor
 Que labuta no sertão»...

«O mundo torna a girar
 Seguindo o seu movimento,
 Vingança nada resolve
 — Vejam meu padecimento;
 Hoje me sinto alquebrado
 Por ter sido um renegado
 E tudo isso lamento»...

Um dia, Silvino foi
 A Petrópolis procurar
 O Presidente Getúlio,
 Pois queria lhe falar
 Getúlio o recebeu
 E a êle prometeu
 Um emprêgo arranjar...

Silvino disse: — Doutor?
 É tirano o meu passado,
 Porém hoje eu sou um homem
 Liberto e regenerado
 E necessito urgente
 Que o meu bom Presidente
 Me empregue no Estado...

O nosso saudoso Vargas
A Silvino empregou,
Porém muito pouco tempo
No trabalho êle passou,
Seu dia fôra chegado
E êle velho, cançado,
Para outra vida passou...

A morte o recolheu
Já êle bastante idoso,
Mas ainda se arrependeu
Por ter sido um «delitoso»
Chegado o dia da morte
Entregou a Deus sua sorte
Arrependido e choroso...

Os filhos de Né Batista
São hoje homens de bem,
Pois que Antonio Silvino
Estando preso, porém,
(Como um herói singular)
Lutou para os educar
São êles hoje «alguém»

Ninguém foge ao seu destino
É um saber popular,
Assim Manoel Batista
Trouxe a sina de matar,
Mas, me parece leitor
Que êle só foi matador
Por a Lei o abandonar...

Da justiça cá da Terra
Silvino foi indultado,
Quando voltou para Deus
Foi novamente julgado,
Pois a JUSTIÇA é assim:
Tudo é tim-tim por tim-tim
E nada fica olvidado...

Portanto, caro leitor
Procure sempre a razão,
Esta vida é passageira
Todo mundo é irmão,
Seja preto ou seja branco
Seja falso ou seja franco
Tenha ou não religião...

Precisamos meditar
Antes de tomar partido,
As vezes a falta d'um grito
Vê-se um rebanho perdido
Devemos analisar
Antes de enveredar
Por um caminho dorido...

Onde estão os valentões,
Meu estimado leitor?
Todos embaixo da terra
Enterrados, — sim senhor;
— «Quem planta o mal colhe o mal,
Essa verdade é fatal
Todo mundo é sabedor»...

Nunca se ouviu falar
Em rua de valentão,
Porque um devora o outro
Cada um quer ter razão
«É cobra engolindo cobra»
É sogra em «tunda» com sogra
É leão contra leão...

Nós muitas vezes trocamos
O certo pelo errado,
Pois o mal está mais perto
De ser por nós praticado,
Somos produtos da grei
E assim fóra da LEI
Divina, temos andado...

Seja rico ou seja pobre
Seja rude ou educado,
Deus mostra o caminho certo
Prá ninguém viver errado,
Quem no êrro perdurar
Cêdo ou tarde há de pagar
O mal que tem praticado...

É boa a religião
Que no bem é baseada,
Seja esta ou seja aquela
Que fôr por nós praticada,
— O scu nome não importa
O certo é que nos conforta
Na hora mais delicada...

Finalmente, meu leitor
Somos filhos d'um só **SER**,
Que é Deus onipotente
E que se faz conhecer
Nas obras da natureza
Que vestida de beleza
Nos encanta de prazer...

É sublime vê-se o campo
Coberto do esplendor
Das cores maravilhosas
Com que Deus vestiu a flôr
A nossa irmã vegetal
Que nos dá perfume tal
Que nos deleita de amor...

Quem é que não se admira
Em ver um pássaro cantar,
Num trinado mavioso
Numa harmonia sem par,
Que nos traz extasiado
Seu canto cadenciado
Deus fêz prá nos agradar.

Silvino teve o prazer
De ainda ver o sertão,
Depois que se libertou
Da sua dura prisão,
Foi respirar novamente
O ar puro e excelente
Do seu querido rincão...

Chorou copiosamente
Pensando a vida perdida,
Tantos anos enjaulado
Por ter sido um homicida;
Mas tudo era passado
Ele no fim, já «quebrado»
Nada esperava da vida...

Ninguém imite Silvino
Nem Corisco ou Lampeão,
Precisamos é amar
A todos como irmão...
É um preceito divino
Que Jesús nos deu ensino
Numa sã religião...

Bandido é aquele que vive
Andando fora da Lei:
Temos destinos tragados
Isto é verdade bem sei,
Sc, porém, a humanidade
Tiver ma'is boa vontade
Alançará melhor grei.

F I M

LIVRARIA H. ANTUNES, LTDA.

Avenida Marechal Floriano, 39 — Rio de Janeiro

OBRAS DE VALOR

FERICLES MIGAILIDES (Consagrado escritor mineiro)

Os filhos do mar

As extraordinárias aventuras de Peter na Africa

1.º volume

2.º volume

FORJAZ DE SAMPAIO

Falavras Cínicas

Manual prático de correspondência comercial e oficial

Manual prático de correspondência familiar

DOMINGOS NEVES

Meu Secretário

R. RIGO

Manual do Orador Popular

COLEÇÃO POPULAR

COELHO NETO

A Bico de Pena

Água de Juventa

Esfinge

ALTAMIRO REQUIÃO

Visões, Fidalgos e Plebeus

HISTÓRIAS EM VERSO

História Zezinho e Mariquinha (poesia)

História João de Calais

História Pedro Sem

Os Cantos de Natal

Lusitania (poema)

Dicionário das Flores, Folhas e Frutos

Luiz Antonio — Tabuada

Duro — Flores (Poesia)

Alemão s/mestre 30 dias

História de Alonso e Marina

Como se Escreve uma Declaração de Amor

Livro de Ouro dos Namorados

Secretário Completo dos Amantes

JOSÉ ALENCAR

Iracema

DUMAS

A Vida aos vinte anos.

F. CHAGAS BATISTA

História Completa de Antonio Silvino

delveto rano de SNB